

Os contornos do argumento para uma defesa da individuação como intrinsecamente situada

Jadson Alves de Freitas¹

RESUMO: Este artigo busca apresentar, de modo sucinto, o arcabouço conceitual utilizado para defender a tese da individuação como intrinsecamente situada. A proposta é pensada como uma resposta ao antagonismo entre grãos e não grãos, embasada no contraste entre a Ontologia Orientada a Objetos (OOO) - o grão - elaborada por Graham Harman, e a proposta de individuação como processo - o não grão - de Gilbert Simondon. A intuição é de que há pontos de proximidade tácitos, mas que se mostram claramente quando nos voltamos para o âmbito da tecnologia, na abordagem baseada no OOO elaborada por Tessa Leach e na análise de Simondon sobre o modo de existência dos objetos técnicos. A partir de uma análise estereoscópica inspirada em Tristán Garcia, acrescida da adoção da Importância whitehediana como critério ontológico, nota-se que a pergunta sobre a individuação diz respeito a uma reflexão sobre o referencial de medida. Nesse sentido, chegaremos à conclusão que o ponto de contato das várias concepções de individuação possíveis, sobretudo o grão e não-grão, será dado por meio de um apelo à situação, à experiência como um evento localizado, dado, conforme Whitehead, a partir de “aqui” e um “agora”, enquanto locus standi.

Palavras-chave: agência; grãos; não-grãos; graus; estereoscopia; importância; individuação situada; locus standi; medida.

ABSTRACT: This article aims to briefly present the conceptual framework used to defend the thesis of individuation as intrinsically situated. The proposal is thought of as a response to the antagonism between grains and non-grains, based on the contrast between the Object-Oriented Ontology (OOO) - the grain - elaborated by Graham Harman, and Gilbert Simondon's proposal of individuation as a process - the non-grain. The intuition is that there are tacit points of proximity, but that they are clearly shown when we turn to the sphere of technology, in the OOO-based approach elaborated by Tessa Leach and in Simondon's analysis of the mode of existence of technical objects. From a stereoscopic analysis inspired by Tristán Garcia, plus the adoption of Whitehedian Importance as an ontological criterion, it can be seen that the question about individuation concerns a reflection on the referential of measurement. In this sense, we will come to the conclusion that the point of contact between the various possible conceptions of individuation, above all grain and non-grain, will be given through an appeal to the situation, to experience as a localized event, given, according to Whitehead, from "here" and a "now", as locus standi.

Keywords: agency; non-grain; degrees; stereoscopy; importance; situated individuation; locus standi; measure

¹ Doutor (2022) e Mestre (2014) em Filosofia pela Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília. É professor da Educação Básica no Distrito Federal.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Ao escrever este texto buscarei expor os principais argumentos que embasaram a defesa de uma tese que afirma a individuação como intrinsecamente situada. O esforço de uma tal descrição está em justificar: porque a individuação é um tema indispensável para o nosso estudo; o que faz com que os caminhos tradicionalmente trilhados quanto a esta não sejam satisfatórios e por último, mostrar que a individuação situada reflete uma resposta pertinente.

Não compreendo tal tarefa como algo simples, já que não se pode perder de vista uma dupla preocupação: primeiro, de descrever de modo sucinto o nosso caminho e, ao mesmo tempo, impedir que se percam as pistas que nos guiam até esse ponto de chegada. Por isso, esta exposição corre o sério de risco de não espelhar fielmente o argumento apresentado na tese, ao passo que intui os movimentos realizados e assim, pode aguçar o interesse na leitura e discussão de todos os detalhes expostos no texto amplo².

1. POR QUE PRECISAMOS FALAR EM INDIVIDUAÇÃO?

Pode-se dizer que a tese defendida não foi um trabalho sobre Leibniz, apesar disso esse filósofo é o grande responsável pela abertura aos questionamentos que são propostos. Ao analisar os pressupostos monadológicos defendidos por esse filósofo³ pude notar que toda descrição do real deve partir do social, em outras palavras, toda referencia metafísica deve ser uma que diga respeito a um mundo possível, que somente existe a partir de uma certa concepção de individuação. O ser é inseparável dos predicados mundanos que o definem, isso abre para o social. Dito de outro modo, é necessário alterar a lógica que legou o social como categoria subsidiária do metafísico. Se a filosofia nasce buscando apresentar uma descrição racional sobre o que seria um começo, arché, como uma explicação do mundo natural ele mesmo, o revés socrático, que tem como apoteose o sentido de substancia primeira afirmado por Aristóteles, como distinto de tudo mais, torna o social, o mundo tomado de formado mais ampla, irrelevante para fundamentação de qualquer projeto metafísico. Apenas com Leibniz uma outra forma de compreender a metafísica se apresenta

² Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/43977>

³ Conforme dissertação de Mestrado defendida em 2014 (PPGFIL/UnB), intitulada Substâncias e Relações em Leibniz: Inspirações Metafísicas para o Pensamento Filosófico nos Séculos XX e XXI

e com esta a conexão entre individuação e sociedade ou mundo passa a ser vista como questão efetivamente relevante.

Nesse momento, urge perguntar a respeito da novidade que aparece com a metafísica Leibniz. Uma boa resposta seria considerar algumas características básicas da monadologia proposta por esse filósofo. Inicialmente devemos considerar que Leibniz defende uma concepção de substância como distinta do que é o substrato. Isso é fundamental, pois aquilo que a define não será um aspecto específico em separado do mundo, mas sim terá como referência aquilo que o filósofo define como acontecimento, a forma como suas mônadas, as substâncias individuais, se articulam no real. Na monadologia leibniziana relações são prioritárias em referência ao que são as substâncias. Como na metafísica tradicional, há um tipo de conexão entre substâncias e predicados, entretanto, com Leibniz predicados são acontecimentos, são ações, referem-se aos modos como as mônadas se articulam produzindo a realidade. Neste caso, há uma inseparabilidade entre ser predicado e ser substância, diferente do olhar aristotélico em que ser predicado é uma qualificação que nada altera a substância naquilo que ela é por si mesma, enquanto substância primeira. O mundo ou a sociedade não interferem nas descrições daquilo que a coisa é nela mesma. Em Leibniz o mundo é primário em termos de descrição daquilo que é substancial.

Quando assumimos o pressuposto leibniziano de que os referenciais existenciais são estabelecidos em termos das relações produzidas, um acontecimento, percebemos que qualquer descrição do real implica em analisar como a agencia é produzida, ou seja, como o mundo é mobilizado. Quem age ou o que age? Ações demandam indivíduos constituídos ou são estas que os desencadeiam? Leibniz compromete-se metafisicamente com a defesa de uma tese monadológica, ou seja, substâncias individuais existem enquanto se relacionam, são acontecimentos. Afirma-se um tipo de cola entre ser substância individual e agir, estar em uma relação, mônadas existem enclausuradas, mas a harmonia primordial estabelecida pela escolha de um mundo possível mais perfeito, criado por Deus, garante que existam exercendo um tipo de governo, de controle sobre aspectos específicos do real, como territórios em que exercem dominância. Assim, sua concepção de individuação nega que entes individuais sejam tipos específicos, haecceitas, ou seja, que se definam por um tipo de essência íntima e específica e, ao mesmo tempo, rejeita o conceitualismo que dissocia o critério de individualidade a partir do que se concebe como a substância.

2. QUAL A VIABILIDADE DE UMA METAFÍSICA SOCIAL SEM AS MÔNADAS DE LEIBNIZ?

Ao refletir sobre a metafísica leibniziana, é possível notar que o modelo monadológico é tão frutífero que não encerra nele mesmo todas as possibilidades de uma metafísica do social. De fato, as condições de possibilidade desta são determinados pelo engendramento daquilo que Leibniz define como predicado ou acontecimento. Além disso, não podemos deixar de mencionar que as mônadas de Leibniz são fechadas, enclausuradas, todos os seus predicados já estão de alguma maneira descritos no traçado deste mundo possível, o melhor de todos, realizado por Deus.

Entretanto, ao procedermos um movimento, como o fizeram vários pensadores contemporâneos, tais quais Gabriel Tarde, Alfred. N. Whitehead e Bruno Latour, de abertura do mundo em que estão as mônadas, excluindo o princípio de harmonia pré-estabelecida leibniziano, poderemos afirmar que a agência é colocada em diáspora⁴. Aquilo que explicará um acontecimento será passível de receber uma descrição especialmente ampla. Isso ocorre porque permanece o princípio metafísico basilar, estabelecido com Leibniz, de que toda medida explicativa de qualquer realidade é uma referencia aos agenciamentos dados. Não estamos com isso negando o papel da individuação, ao contrário, parece intuitivo afirmar, de fato, que mais de uma descrição do individual pode acarretar o social. A pergunta sobre a individuação é, desse modo, a questão sobre quais são as possibilidades de descrição do social.

Deve-se ressaltar que uma tal abertura é fundamental para que sejam colocadas outras possibilidades de estar no mundo. Leibniz antevê uma quebra com um padrão metafísico tradicional, que somente pôde ser efetivado contemporaneamente, com a libertação das mônadas. É no mundo que todas as explicações fundamentais devem ser buscadas, localizadas, isso é um acontecimento. E mais do que isso, não há apenas um horizonte a partir do qual este possa ser dado, uma potencialidade acaba sendo distribuída, pulverizada, concedida ao que até então era tomado como inexistente pela metafísica comum e apenas sugerido de um ponto de vista monadológico leibniziano. Se os governos estabelecidos na monadologia leibniziana são definidos a partir de um critério de distribuição

⁴ Por isso, o Diáspora da Agência (2018), escrito por Bensusan e eu, possui um papel fundamental naquilo que será proposto na tese: uma reflexão sobre a agencia colocada em diáspora, aberta, disponível, sem o amparo do dispositivo leibniziano que estabelece o real por uma lógica de harmonia pré-estabelecida.

perfeito e justo, a abertura das mônadas determinará outras lógicas que ressoam na própria definição do significado de substância individual.

Latour (1988) afirma em sua defesa de uma monadologia renovada que “o real não é uma coisa entre outras, mas gradientes de resistência.” (TRADUÇÃO NOSSA, p. 159, §1.1.5.1). Assim, um actante é exatamente aquilo que é capaz de produzir um acontecimento, seja ele algo individuado ou que se realiza independentemente de individuações. O critério de individuação seria mais uma pergunta sobre como resistir, como permanecer existindo, sendo acontecimento. Whitehead defenderá uma monadologia estabelecida em termos de entidades atuais, de unidades que preendem, que existem à medida que discriminam o real por meio de um tipo de sentimento, uma marca, a experiência. Nesse caso, um acontecimento é descrito pela própria possibilidade que cada coisa que existe tem de se afirmar por meio de preensões, nada é por si mesmo assegurado, a experiência é de fato o critério fundamental. Os dois exemplos acima são paradigmáticos à medida que permitem vislumbrar a riqueza de possibilidades do significado de existência dado a partir de uma metafísica das sociedades pós Leibniz.

3. A TENSÃO ENTRE GRANULARIDADE E NÃO-GRANULARIDADE

Na tese duas concepções se destacaram pelo antagonismo inerente que estabelecem entre si e pela proximidade que se colocam em relação ao projeto monadológico de Leibniz. Uma que denominamos de metafísica não-granular e outra, diametralmente oposta, a granular. No Diáspora da Agência (2018) essas duas concepções aparecem como sustentando as posturas 2 e 4 de um total de 5 possibilidades referentes ao que se denominou em tal livro de ontologias da agência. O chamariz para a compreensão dessas posturas é a imagem de uma borboleta, que tem seu centro representado pela monadologia de Leibniz e cada uma de suas asas por um antagonismo que é indispensável para o equilíbrio de forças, permitindo o voo.

Os pensadores que as engendram não beberam diretamente da fonte monadológica leibniziana na formulação de suas concepções, na verdade estes veem em Leibniz um arcabouço metafísico deficiente, por diferentes razões. Entretanto, supõem direta ou indiretamente que toda descrição do real é uma pergunta sobre aquilo que o produz continuamente, um olhar sobre como e onde estão se dando os agenciamentos. Nesse sentido, admitem que a metafísica é um projeto que deve descrever como os acontecimentos

surtem e se sustentam. Por isso, negam o substrato, de modo que toda explicação do real é uma referência à sua imagem da individuação. Sociedades são primárias, entretanto, divergem quanto ao significado destas.

A primeira destas imagens é a que afirma os agenciamentos imanentes sem agentes. De acordo com tal concepção indivíduos são decorrentes e não a causa dos acontecimentos. A análise de um mundo ou sociedade implica em um exame de como as relações são produzidas. Por isso, Indivíduos, ou substâncias individuais, nos termos de Leibniz, resultam do social, são produtos do poder, conforme o Diáspora da Agência. Como os peritos chamados para analisar a cena de um crime, as entidades individuais sempre apareceriam depois do fato do consumado, lidando apenas com os rastros do que de já sucedeu e não está mais ali como realidade.

A posição oposta é a que afirma a independência e a imanência dos agentes. Qualquer explicação sobre o mundo é um apelo àquilo que os indivíduos produziram. “Indivíduos são o único lugar do poder” (2018, p. 40), essa máxima ilustra com bastante clareza que qualquer acontecimento, todas as possíveis predicções nos termos de Leibniz, seriam uma referência às substâncias individuais propostas pelo criador da monadologia. Nada é produzido para além dos que são os entes individuais como lócus de qualquer acontecimento. O real é inseparável, mesmo virtualmente, do que são tais entes. A agência seria, por isso, um termo para descrever o existir para um conjunto de entidades individuais. Não há ação que possa ser descrita por ela mesma, são apenas metáforas, cuja referência final é sempre um indivíduo ou conjunto destes que esteve presente ali.

O antagonismo de tais imagens mostra-se evidente pela necessidade que tais concepções têm de apelar para aquilo que seria a sua negativa. Todo e qualquer argumento em favor dos agenciamentos sem agentes é uma estratégia para demonstrar que agentes pouco ou nada tem a dizer sobre como o social é produzido. De modo semelhante, para a concepção oposta, nada pode explicar um agenciamento que não seja a realidade de uma entidade individual. Lidar com esse contraste é consequência inevitável da autonomia que a ontologia recebe enquanto categoria social a partir da quebra da clausura presente no modelo leibniziano.

Parece, assim, que nos colocamos diante de um impasse, pois não é possível simplesmente retornar à Leibniz, já que a quebra dos grilhões, tal qual no mito da caverna platônico, tem como consequência a impossibilidade de aceitar novamente, pela mesma

lógica de raciocínio, as limitações impostas pelo modelo fechado. A autonomia, por outro lado, mostra-se como instrumento de produção de conflitos. Além disso, dificilmente assumiremos uma posição pela percepção de um mero erro formal na concepção que lhe é oposta. Em suma, percebemos uma tensão entre granularidade e não-granularidade que precisa ser resolvida por um caminho que extrapole o âmbito da simples oposição ou contrariedade.

3.1 A GRANULARIDADE

No traçado que definiu os protagonistas da tese, Graham Harman, filósofo estadunidense contemporâneo, professor da Universidade Americana do Cairo, aparece por meio de sua Ontologia Orientada à Objetos (OOO) como referencial para a defesa de que indivíduos são o único referencial para a abordagem de uma metafísica do social. Isso justifica o conceito utilizado de granularidade que, em nossos termos, pode ser descrito como a defesa da tese de que as mudanças no real se fazem pela presença de indivíduos cujos contornos constitutivos elaboram-se por um referencial unitário, como um grão. Pode-se dizer que nada é alheio ao que são os grãos e suas possibilidades de atuação.

Grãos são unidades de referência, pois qualquer tentativa de subdivisão destes gera como resultado um novo âmbito de granularidades. O grão é como um tipo de medida que define os contornos de qualquer análise possível. Na tese tomamos a proposta de OOO elaborada por Harman como um argumento para justificar porque objetos podem ser tomados enquanto referenciais de medição adequados para toda e qualquer aferição. Grãos são a própria agência, pois nada que não seja um objeto pode conectá-los ou separá-los.

Como já mencionado, o caminho que nos traz à Harman a partir de Leibniz não é o mesmo que motiva o próprio Harman a buscar a formulação da OOO. Este filósofo vê nos objetos uma saída para responder ao que contemporaneamente se denominou de problema do correlato. Sua denuncia tem origem no filósofo francês Quentin Meillassoux, designando posições que reduzem o real ao que pode ser pensado ou conhecido. Harman integrou o grupo de filósofos, com Meillassoux, Ray Brassier e Iain Hamilton Grant, o movimento conhecido como realismo especulativo, que visava estabelecer um compromisso, assumir um desconforto com o que se denominou de era do correlato, uma tentativa de redução do real ao que pode ser pensado ou conhecido.

Na tese pudemos discutir em mais detalhes os contornos, as influências que contribuíram para que objetos pudessem representar uma descrição adequada para o problema do correlato, demonstrando ser uma posição forte como estratégia de afirmação de uma tese realista, que leva em conta o aspecto da especulação, do que não é passível de ou deve ser mensurado. Assim, podemos colocar claramente os contornos da OOO, a granularidade do que existe não implica a sua total disposição, já que há aspectos constitutivos cuja condição existencial é o velamento. Nesse caso, diríamos que a agência, por estar liberta, retira de seu aspecto recôndito todo o sentido da mudança que será produzida no real. Um objeto é grão como unidade de medida, mas isso não significa que seja totalmente transparente. Se assim fosse, teríamos um mero atomismo, um agregado de unidades individuais, não haveria novidade ou agência no real, o sentido de sociedade seria impossível como fundamento metafísico. Leibniz já afirmava a necessidade de que as mônadas contivessem o real em seu fundo, como um espelho, essa era a lógica do agenciamento produzido em condição de clausura.

Por isso é importante ter em conta a estrutura quadrupla a partir da qual Harman elabora sua abordagem. Conforme apresentado em *Object Oriented Ontology: a new theory of everything*, publicado em 2017, as características da OOO são assim descritas pelo filósofo estadunidense:

- (1) *Todos os objetos devem receber igual atenção, sejam eles humanos, não humanos, naturais, culturais, reais ou fictícios.*
- (2) *Os objetos não são idênticos às suas propriedades, mas têm uma relação tensa com essas propriedades, e essa mesma tensão é responsável por todas as mudanças que ocorrem no mundo.*
- (3) *Os objetos se colocam em apenas dois tipos: objetos reais existem afetando ou não qualquer outra coisa, enquanto objetos sensuais só existem em relação a algum objeto real.*
- (4) *Objetos reais não podem se relacionar diretamente uns com os outros, mas apenas indiretamente, por meio de um objeto sensual.*
- (5) *As propriedades dos objetos também se colocam de duas maneiras apenas: novamente, reais e sensuais.*
- (6) *Esses dois tipos de objetos e dois tipos de qualidades levam a quatro permutações básicas, que a OOO trata como a raiz do tempo e do espaço, bem como dois termos intimamente relacionados, conhecidos como essência e eidos.*
- (7) *Finalmente, a OOO sustenta que a filosofia geralmente tem uma relação mais próxima com a estética do que com a matemática ou a ciência natural. (Tradução Nossa, 2017, p. 9)*

Visando fornecer apenas alguns esclarecimentos gerais sobre a OOO harmaniana e corroborar seu aspecto granular, comentaremos algumas conclusões extraídas de tais pressupostos. O item 1 demonstra a planitude da ontologia harmaniana dada entre os objetos, diferente do que ocorre quanto ao aspecto interno de composição destes. É ela, vale ressaltar, que permite afirmar esse modelo de OOO como uma sociedade de indivíduos independentes, já que a autonomia e horizontalidade do contato são o norte ontológico. Como referido por Harman: "(...) os objetos serão definidos apenas por sua realidade autônoma. Eles devem ser autônomos em duas direções distintas: emergindo como algo além e acima de suas partes, enquanto também se velam parcialmente de relações com outras entidades." (Tradução Nossa, 2011, p 17).

Sobre o item 7, a defesa da estética decorre da própria impossibilidade da epistemologia de responder ao que está implicado num modelo ontológico engendrado a partir de objetos, como o proposto por Harman. Nesse ponto, o real, considerado em termos de sua estrutura ontológica, pode ser indiretamente conhecido ou apenas esteticamente experimentado. Segundo esse filósofo, um erro importante relativo à própria tarefa da filosofia, seria o de considerá-la como atividade de desvelamento, de descoberta de um dado disponível ou das atividades tomadas como seu fundamento.

Especificamente sobre os itens de 2 a 6, que elaboram a granularidade por um viés interno, Harman (2011) apresenta a OOO como uma teoria surgida a partir das filosofias de Husserl e Heidegger, estando, ainda, focada na preocupação dos realistas especulativos em pensar o real como estando para além de qualquer tipo de correlação. A insatisfação desse filósofo com os rumos que a tradição filosófica deu ao pensamento atua como instrumento para a denúncia de formas de fazer filosofia que, de alguma maneira, teriam contribuído para uma rejeição dos objetos, caminhos estes que tenderiam a afirmar que os objetos “ são um mero efeito superficial de algo mais profundo” (2011, p. 8), o que implicaria em uma concepção que submina (undermining) o poder que seria inerente a tais objetos. Outro ponto de vista, seria um que afirma que “os objetos são uma superstição comum em comparação com suas mais evidentes qualidades ou relações” (2011, p. 8), gerador de um tipo de supraminação dos objetos (overmining).

As críticas da sub e da supraminação podem ser compreendidas como marcas decisivas da granularidade como característica de seu modelo de OOO, já que se busca

denunciar modelos filosóficos que param antes do indivíduo ou que promovem um tipo de extrapolação deste, como dissemos toda a medida deve ser um direcionamento ao que são os objetos como entidades efetivas e exclusivas. A granularidade é demonstrada pelo fato de os objetos conterem os seus requisitos existenciais, os condicionantes que lhe permitem ser parte no mundo, por isso detêm autonomia individual.

Edmund Husserl (1859-1938) e Martin Heidegger (1889-1976) são fundamentais por terem fornecido os insights para o rastreio das 4 dimensões interiores constitutivas dos objetos. De qualquer maneira, tais filósofos, embora taxados pela tradição como aderentes a uma posição de viés idealista, o que reduziria a extensão dos indivíduos ao dado pela correlação, teriam aberto a possibilidade de exploração de dimensões imprescindíveis no objeto, sejam elas explícita ou apenas indiretamente dadas.

Considerando a classificação harmaniana elaborada em dois polos: objetos reais (RO) e sensuais (SO); qualidades reais (RQ) e sensuais (SQ), Husserl, apesar de dirigido por uma análise fenomenológica que toma a coisa à sua forma de percepção, teria indiretamente demonstrado que a experiência de algo, um objeto sensual, sempre carrega consigo a marca das qualidades que definem essa coisa, sejam elas qualidades efetivas ou apenas decorrentes do modo como a coisa é captada. Por meio do conceito husserliano de adumbração, Harman reconhece a conexão do objeto sensual com qualidades transitórias, múltiplas e dispensáveis, referentes aos modos intencionais, a um estar no mundo e às significações decorrentes dessa relação. A estas o criador da OOO denominou de qualidades sensuais (SQ).

De todo modo, é pela representação fenomênica que tanto as qualidades apenas aparentes, das quais o objeto não depende para ser o que é, como as efetivas do objeto, que possuiriam essa vinculação, podem ser dadas. Por isso, retiradas todas as adumbrações, permanecem apenas aquelas qualidades inseparáveis. Temos assim, a segunda descoberta de Husserl, relativa ao rastro das Qualidades Reais (QR) notadas a partir dos objetos sensuais. Conforme Harman, em sua interpretação da fenomenologia husserliana, a eidos nunca é diretamente captada, embora a presença desta no escopo de um objeto possa ser sempre intuída. Por isso as qualidades reais se apresentam por uma atividade de alusão iniciadas no objeto sensual como contato indireto.

Vê-se que o compromisso de Husserl com a imanência, tendo como pano de fundo sua defesa do método fenomenológico e assim de um idealismo como forma de estabelecer a existência no mundo, faz com que o sentido de velamento extraído por Harman,

um real desconhecido como campo de possibilidades da consciência, seja trazido para dentro da estrutura individual. Isso é já uma maneira de elaboração do que estamos definindo como o grão. Se houvesse uma partição externa haveriam pedaços dispersos de uma realidade, o indivíduo seria tomado, assim, a partir de uma lógica dos fragmentos. Por isso, o grão, como dito, é consequência direta da interiorização do escopo constituinte dos objetos que encontra em Husserl parte de sua fundamentação no que Harman define como qualidades sensuais e reais.

Com Heidegger, esse desenho será complementado, no sentido de afirmar que a superação do correlato como abertura para um sentido de realidade amplo e aberto, se faz pelo estabelecimento de uma fronteira que projeta um território por um ângulo estritamente interno. Nesse contexto, Harman extrai a conexão dada entre objetos reais e sensuais, notadamente por meio da tese do equipamento, da oposição entre *vorhanden* e *zuhanden*. Ressalte-se que não se trata de uma simples metáfora, claramente colocada por Heidegger, mas sim de uma imagem explorada e extrapolada por Harman, com implicações que fazem sentido no âmbito de uma tese que, como dito, traz para o interior dos objetos a arquitetura do mundo.

3.2 A PRIMEIRA VERTIGEM DA GRANULARIDADE: DO GRANULAR PARA O NÃO-GRANULAR

Sempre é momento para fornecer um esclarecimento adicional sobre o título da tese que, espero, já possa ser intuído. Falar em vertigens da granularidade é justamente indicar como a autonomia agencial decorrente da abertura das mônadas gera movimentos contraditórios, sempre marcados por um tipo de fronteira que nunca pode ser ultrapassada. É como se o instrumento de medição se mostrasse insuficiente para captar nuances que teimam em não querer caber naquela dinâmica, direcionando a atividade para o polo oposto, ou seja, demandando uma outra régua, com referenciais de medida distintos. Uma possível vertigem da granularidade é a representada pela ANT (Teoria ator-rede), que teve como um de seus protagonistas o já mencionado filósofo francês Bruno Latour, que suaviza a explicação sobre onde estão os grãos, destacando o papel dos agenciamentos. Um grão, nesse caso, seria sempre definido pelo agenciamento que se efetiva e não o contrário, o que faria da unidade granular, que é a base da concepção harmaniana, algo que pode ser, em certo sentido, dissolvido.

Entretanto, aceitar tal movimento, no caso de Harman, é concordar que o *undermining* e o *overmining* não são falácias e que por isso uma OOO é um projeto factível apenas até certo ponto. Assim, Harman buscará demonstrar como todas as tentativas de reduzir objetos a outras entidades distintas representam efetivamente um erro em não perceber a presença, mesmo que velada, destes. Nesse sentido, vale mencionar o caso da VOC, Vereenigde Oost-Indische Compagnie, companhia holandesa das Índias Orientais, buscando destacar os aspectos de aparição, relações e ocultamento de um objeto. O exemplo, inspirado em Leibniz, que no diálogo com Arnaud, de 1686, reflete sobre o tema da unidade daquilo que faz uma coisa aquilo que ela é.

Como uma ontologia, o estudo proposto por Harman sobre a VOC busca chamar a atenção para as várias entidades-chave que estiveram em cena, assim como para os acontecimentos, que são como chamarizes para constatação da existência de tais entidades, sejam eles humanos, corporações ou entes inanimados. No caso da OOO um objeto estar em cena pode implicar em apenas ser uma pista, um sinal deixado para trás. Como afirma Harman: “a teoria orientada a objetos também está interessada em seguir os cães que não latiram, ou os cães que latem nos momentos em que eles dormem. (...)” (Tradução Nossa, 2016, p. 40). Crítico dos novos materialismos que, inclusive por seu aspecto performático, desconsideram o papel exercido pelos agentes, Harman opta pela defesa de um método imaterialista, que: “vê a maioria das mudanças como superficiais e geralmente encontra mudanças importantes nos casos de simbiose”. (Idem). Vale destacar, as simbioses cumprem uma função demonstrativa, indicando onde estão os substantivos, as coisas, podendo ser elas uma pessoa, um lugar e um objeto. Uma relação para a OOO nunca será um verbo, pois se fosse implicaria na afirmação de um ente outro existindo entre os objetos.

Dessa forma, o que deve ser buscado na multiplicidade de acontecimentos são os sinais de simbioses, almejando seguir o rastro da presença de objetos. Trata-se assim de uma inversão da ANT, mostrando que objetos não estão imunes a relações, mas que estas são na verdade aspectos até então não dados deles ou mesmo sinais de um novo objeto que se apresenta. Isso se torna mais claro se considerarmos que nada existe, e por isso, pode ser explicado para além da fronteira granular.

Nisso, a figura do general holandês Jan Pieterzoon Coen (1587-1629) será apresentada como exemplificativa do tipo de simbiose buscada pelo imaterialismo, como um objeto diretamente conectado a outro que permitiu a emersão de vários outros entes

individuais. Coen, como o principal general da VOC, aquele que realizou os feitos mais brutais para a manutenção e ampliação do poder da companhia, é tomado como foco para verificação dos acontecimentos determinantes para o sucesso da empresa. Harman ressalta três momentos na vida do General Coen que teriam sido de grande importância para a compreensão das simbioses ocorridas no ciclo de vida da VOC.

Um deles seria o proferimento em 1614 do Discurso sobre o Estado da Índia ao chamado Heeren XVII, conselho corporativo do VOC em Amsterdã. Note-se que os efeitos de tal discurso aparecem efetivamente em 1621 com o massacre ocorrido na cidade de Banda, entretanto tal diferença entre a data em que o discurso foi lido, de aproximadamente 7 anos, e a reação a ele são entendidas como uma espécie de período de dormência do objeto, no qual a simbiose já se faz efetiva, mas demanda um intervalo para que apareça. O que ocorre com o manifesto de 1614 de Coen é a abertura para que um objeto já nascido possa se colocar em cena, apresentando o que até então existia de modo não manifesto.

Desse modo, por meio de uma abordagem imaterialista, Harman com a VOC tenta remediar a vertigem que retira dos objetos o protagonismo de elaboração do real, dirigindo tal papel para o que a ANT afirma em termos de agenciamentos. Apesar disso, vale mencionar como Tessa Leach, filósofa australiana contemporânea, aborda o que parecem ser extremismos em defesa da unidade individual dos objetos afirmada por Harman. Focada em uma análise da OOO a partir de um referencial maquínico, Leach defenderá a tese de uma fenomenologia alienígena, amparada em dois conceitos importantes: o de sensação e o de experiência, como próprios à realidade de robôs.

Tal fenomenologia desvincula criador e criatura, abrindo espaço para um olhar sobre as máquinas dado por elas mesmas, independente do vínculo com o ser humano. Há assim uma crença comum nas máquinas enquanto realidades, enquanto indivíduos antrodocêntricos nos termos de Leach (2020). Isso reafirma o sentido da individuação como atrelado ao que se dá de modo parcialmente velado, corroborando Harman. O exercício proposto está em intuir ou apontar para uma fenomenologia que somente pode ser significada a partir do papel que a sensação e a experiência adquirem para cada unidade individual, seja ela uma máquina ou qualquer outra coisa, em referência a outras unidades individuais.

Para isso, Leach se serve do conceito de *umwelt*, desenvolvido pelo trabalho do etologista báltico Jakob von Uexküll (1864-1944), para indicar o ato de percepção enquanto baseado em códigos que se entrelaçam produzindo um tipo de determinação em comum. A

chave para isso é a ênfase de Uexküll no equipamento sensorial, fazendo com que o corpo constitua o cerne da percepção animal, o dado semiótico por excelência. A *umwelt* pode ser descrita como uma capacidade de sentir, desvinculada do que entendemos como subjetivo.

Importante que se ressalte que não há referência a um sujeito, mentes, pois a *umwelt* seria de fato uma capacidade de filtrar no objeto aqueles sinais que o aparato individual permite acessar. Outras coisas podem acontecer, mas isso não diria respeito a *umwelt* desse objeto. Percebe-se assim um direcionamento explícito para que o grão seja referido como um tipo de unidade perceptiva, que pode ser ampliada, estendida para tudo o que existe, mesmo para uma máquina. Isso corrobora nossa abordagem harmaniana sobre a individuação. Além disso, deve-se considerar que um objeto sensual pode permanecer o mesmo, ser o referencial de várias experiências dadas em momentos distintos, mas as qualidades sensuais associadas mudarem, sendo essa a tensão tempo. Nesse sentido, já se percebe em Leach a valorização do aspecto sensual, da *umwelt* como determinação de individualidade, o que tenciona com o aspecto velado daquilo que Harman afirma por meio do objeto real.

Se a *umwelt* é de fato um critério definidor daquilo que se afirma por meio de um tipo de sensação, então tal *umwelt* não pode ser distinta daquilo é a realidade mesma de um objeto. O passo que Leach dá em direção à Alfred N. Whitehead e o seu conceito de apreensão (2010), reafirma os robôs como unidades perceptivas, já que apreender implica em supor a unidade daquilo que se percebe por meio da universalização do conceito de experiência, o superar da separação entre a ação perceptiva e o conteúdo que é percebido⁵. Aquilo que um objeto apreende, nesse sentido, deve dizer respeito à realidade deste. Se Leach objetivava provar que robôs podem ser tomados como exemplares genuínos de objetos, isso é atingido por uma concepção de fundo monadológico segundo a qual sentir e experimentar podem tomar como sinônimo o que Whitehead define como apreender.

Leach, entretanto, toca num ponto espinhoso da abordagem granular harmaniana, implicada numa possível quebra da estrutura quadrupla dos objetos, caso seja levado a cabo o sentido de fenomenologia alienígena defendido pela filósofa. É que os objetos sensuais passariam a ter a capacidade de modificar o objeto real, o que para Harman só é admissível em sentido inverso e de modo indireto, vide o que esse filósofo define como

⁵ Como será discutido a diante ao tratarmos do problema da Bifurcação da Natureza, denunciado por Whitehead (1994).

vicarius causation (2011). Se isso é assim, então pode-se considerar que os objetos, seriam ao mesmo tempo, mas por perspectivas distintas, granulares e não granulares, por serem objetos como dado básico de sua ontologia e por intrinsecamente possuírem um direcionamento para a experiência, produzindo continuamente um tipo de fenomenologia alienígena, em certo sentido seriam a sensação e a experiência definidoras de um objeto e não contrário.

Considerando o robô como um objeto, a resposta à entrada sensorial seria evidência de experiência, fazendo com que algo mude dentro do objeto. O robô não apenas responderia ao contato humano, mas também a de outros tipos, tendo em conta as relações localmente estabelecidas. A filósofa apresenta seu descontentamento com o tema da causação indireta tal qual tomado por Harman quando afirma, indicando a fertilidade das intuições de Ian Bogost (2012):

O metaforismo de Ian Bogost baseia-se nesta parte da metafísica de Harman. O efeito de um objeto em outro pode ser descrito como um processo de uma coisa se tornar semelhante a outra, tanto física quanto figurativamente. Quando coloco uma caneca sobre uma mesa, a caneca se modela em qualidades particulares da mesa: imobilidade e posição em espaço. (...). Isso se assemelha ao mito das plataformas de petróleo porque cada objeto detecta uma caricatura de todos os outros, mas sem exigir que aceitemos o conceito de causação indireta (...). (2020, p. 55/6)

Se os objetos têm a capacidade de receber algum tipo de moldagem, isso ocorre em razão das relações fenomenológicas a que eles estariam sujeitos por sua condição ontológica granular, por serem como entidades atuais whitehedianas, por preenderem. Entretanto, esta capacidade de afetação aproxima Leach de influências, notadamente daquelas representadas por filósofos como Bruno Latour e sua defesa de uma Actor-network theory (ANT) pois, mais que a unidade granular, importa ser unidade sensitiva. Sua abordagem seria, assim, uma que parte de Harman, mas que chega longe de mais para aquilo que a OOO originalmente aparentemente parece conceder: um aspecto não-granular.

4. NÃO-GRANULARIDADE

4.1 A ONTOLOGIA DOS PROCESSOS DE INDIVIDUAÇÃO DE GILBERT SIMONDON

Como podemos verificar, o argumento de Harman em favor da sua OOO se faz por meio da defesa de um ponto de vista segundo o qual não podemos ir além ou mesmo parar antes dos objetos, sendo toda nossa experiência do mundo, sensações ou percepções, como rastros indicativos da existência destes. Seu argumento se dá no sentido de afirmar um sentido de unidade individual como base de sua ontologia. Não há princípio para os objetos, pois eles antecedem e concentram a construção de qualquer tipo de referencial, estes são o princípio, por isso os nomeamos grãos.

Simondon, por sua vez, considerará a questão por um outro viés, entendendo que não há efetivamente um princípio a que se possa chegar, já que sua busca demonstra que, pelo contrário, o que poderemos encontrar é uma ação de produção contínua daquilo que enganosamente tomamos como unidades. O filósofo afirma:

Gostaríamos de mostrar que é necessário operar uma reviravolta na busca do princípio de individuação, considerando como primordial a operação de individuação a partir da qual o indivíduo vem a existir e da qual ele reflete em seus caracteres o desenrolar, o regime e, por fim, as modalidades. Assim, o indivíduo será apreendido como uma realidade relativa, uma certa fase do ser que supõe, antes dela, uma realidade pré-individual e que não existe completamente só, mesmo depois da individuação, pois a individuação não esgota de uma única vez os potenciais da realidade pré-individual e, além disso, o que ela faz aparecer é não só o indivíduo, mas o par indivíduo-meio. (2020, p. 16).

Duas conclusões interessantes poderiam ser derivadas, sendo que a primeira implica a segunda, pois a individuação tomada como operação, faz com que o indivíduo seja sempre um ser incompleto, dependente da realidade pré-individual da qual provém e que não é esgotada com a mudança de fase que constitui essa passagem. Em outras palavras, tomar a unidade como princípio, é desconsiderar que esta é efetivamente o produto de um tipo de atividade prévia, que é ela mesma um começo. A ontogênese simondoniana é o símbolo dessa filosofia, já que designa “(...) o caráter de devir do ser, aquilo por que o ser devém enquanto é, como ser.” (Idem, p. 16). Defender a ontogênese como princípio implica em afirmar que nada existe como dado, mais como um devir interminável do ser.

Assim, toda existência deve ser referenciada ao processo que a constitui presentemente. Tal processo é mais que o indivíduo, indicando este último apenas um momento, uma condição transitória do ser. Por isso interessante considerar o que diz Simondon, ao afirmar que: “Para pensar a individuação, é necessário considerar o ser não

como substância, ou matéria, ou forma, mas como sistema tenso, supersaturado, acima do nível da unidade, que não consiste unicamente em si mesmo e não pode ser adequadamente pensado mediante o princípio do terceiro excluído;” (Idem, p.17). Desse modo, o indivíduo existe permeado pelas tensões de que é origem e às quais dá continuidade, não sendo possível encontrar nele uma condição puramente estável, já que é algo diferente da unidade, é metaestabilidade, se faz como transição contínua.

Para que se compreenda o papel da metaestabilidade é necessário que seja levado em conta, sobretudo no âmbito da individuação física, as noções de energia potencial de um sistema, a de ordem e a de aumento da entropia. Nesse caso, a presença da energia potencial permite que a individuação seja estabelecida como tipo de processo ou espaço do devir, enquanto resolução de um sistema metaestável marcado pelo acréscimo de entropia. Por isso, a individuação é resolução de um problema, pois é resultado de potenciais que lhes são anteriores ontologicamente, o que justifica a prioridade da agência, sendo os indivíduos como respostas momentâneas às tensões que estão eclodindo no âmbito de um sistema.

Tais pressupostos nos permitem compreender a filosofia da individuação simondoniana como símbolo de um pensamento não-granular, mais que isso, vê-se que há uma abertura para que a individuação seja pensada como produção de descontinuidade no contínuo. Amparamos nossa conclusão tomando como referência o papel basilar que as operações exercem em sua ontologia, inclusive tendo em conta a sua definição de ontogênese e a preponderância do que é metaestável sobre o que seria apenas estável. O estável é o que está ali, o inabalável, mesmo que invisível, como um objeto para a VOC. O metaestável é o que existe apenas enquanto passível de produzir processos, veículo de informação, a estabilidade é morte ou vazio na concepção simondoniana. O não-granular recebe sua fundamentação a partir da própria condição aberta em que se afirma, sua necessária disponibilidade.

Por isso as operações antecedem e permeiam os indivíduos, como unidades, já que elas são o exercício infundável de manutenção dos agenciamentos. Há uma contradição que move o processo e ela está justamente no fato de a ontogênese gerada demandar a continuidade da operação, que produzirá um novo processo de individuação, não havendo um fim para essa dinâmica, já que o cessar da agência é já a negativa de que ontologicamente algo faça diferença. Assim, a incompletude do não-granular simondoniano se faz por uma razão positiva ou virtuosa, já que o indivíduo retira de si, assim como do seu meio, realidade

pré-individual o fundamento de sua possibilidade ontológica. Desse modo, o indivíduo pronto como grão é impossível, pois este perde a dimensão ativa, metaestável, de que é origem. Ressalte-se que falar em indivíduo em Simondon é sinônimo de individuação, pois nada existe apartado de processos.

Com Simondon, o pensamento agencial, tal qual apresentado no *Diáspora da Agência*, é afirmado pelo viés dos potenciais operacionais a partir dos quais a individuação acontece, sendo tal indivíduo apenas como uma fase de uma dinâmica maior amparada pelo devir. Aqui a capacidade de dar início é realizada por uma lógica operativa, é verbal, um começo que se faz de forma totalmente desvinculada do apelo a qualquer tipo de substancialidade, ao que se afirma como substantivo, o que é. Tal concepção é notada, ainda, quando o filósofo trata da individuação vital. Em comparação com a física, que estende o máximo possível um mesmo dado informacional ocorrente, tornando tal operação ilimitada, se propagando até enquanto houver matéria e energia disponível, a individuação vital por manter-se aberta à informação, volta-se sobre ela mesma, se auto regulando ao longo do tempo. Nesta há uma carga de pré-individualidade que não é usada de uma só vez, o que possibilita a suspensão e a retomada de tais processos a qualquer momento.

Desse modo, para Simondon o ser vivo é como uma fração de tempo muito mais longa que a formação do cristal, uma cascata de desenvolvimentos neotênicos. A Neotenia vital se afirma como uma capacidade de manter traços distantes da condição atual dos indivíduos, uma possibilidade de retomada que explica a singularidade presente no que é vivo. Isso nos leva a considerar que o indivíduo vital, até mais que o físico, precisa possuir um arcabouço não-granular, pois tanto o início de novos processos como a retomada daqueles já iniciados, demandam que haja a possibilidade de comunicação e de constante redesenho individual entre interior e exterior.

No físico, a individuação é limitada, possui condições específicas a partir das quais é dada e sustentada, até, por último, findar-se. Por isso, o não-grão é para aquela individuação em específico, um começo, que é único. No vital uma abertura perpetuada, continuada, é requerida. A neotonia, assim, perpetua o sentido de metaestabilidade num sentido mais forte que o percebido no âmbito físico, pois neste há um aspecto de disponibilidade, que perdura, o não-granular diz respeito efetivamente à uma capacidade de receber informação, de produzir tensões, que por isso devem ser necessariamente mais que a unidade. Isso nos leva a compreender o papel da transdução para filosofia simondoniana,

já que indica o rastro a partir do qual a informação é transmitida. No indivíduo vivo, por exemplo, vale ressaltar, o caminho da informação é hierarquizado e indireto, o que demanda dinâmicas específicas de conexão com o meio e de separação de indivíduos.

Nisso, considerando que o vivente não encerra por completo toda a problemática que diz respeito aos processos de individuação, o psiquismo se coloca como um novo âmbito de resolução de disparidades. Por isso é necessário explicar como a distinção entre o psíquico e o vital é produzida. Simondon ressalta que não se tratam de duas substâncias, nem de duas funções paralelas ou sobrepostas, mas sim de um processo de lentificação da individuação vital que gera o psíquico, uma amplificação neotênica do estado inicial da gênese. Há psiquismo quando o vivente não se concretiza completamente, conservando uma dualidade interna. Ao invés de a vida conseguir resolver a problemática da percepção/ação, ela devém paralela em uma nova problematização. Desse modo, a não-granularidade produzida com a individuação biológica fomenta a continuidade dessa abertura em um outro nível.

A afetividade, que no vivente é reguladora resolvendo a tensão entre percepção e ação, mediando âmbitos heterogêneos e bipolares, resulta no psiquismo como geração de uma nova problemática. Para Simondon, a vida psíquica implica em um novo mergulho no pré-individual, um novo processo de individuação. As funções vitais como individuações dadas não são transportadas, não existem para a individuação psíquica. Por isso, para o psíquico, o vital sempre aparecerá como um tipo de problema. Nesse sentido, o direcionamento para a granularidade é como o fim de um processo de individuação. Enquanto houver metaestabilidade, entretanto, os processos de individuação, podem ser mantidos entre esses diferentes âmbitos. Diz Simondon:

O psiquismo aparece como um novo estágio de individuação do ser, que tem por correlativo, no ser, uma incompatibilidade e uma supersaturação que lentificam os dinamismos vitais, e, fora do ser enquanto indivíduo limitado, um recurso a uma nova carga de realidade pré-individual, capaz de aportar ao ser uma nova realidade; o vivente se individua mais precocemente, e ele não pode se individuar sendo para si mesmo sua própria matéria, como a larva que metamorfoseia alimentando-se de si própria; o psiquismo exprime o vital e, correlativamente, uma certa carga de realidade pré-individual. (p. 241).

Considerando que a individuação se dá por saltos, o vivente é como uma cepa para a individuação psíquica, por isso o referencial quântico é tão relevante, marcado por

continuidades e discontinuidades. Isso implica em afirmar uma conexão que se faz de individuação para individuação. Isso também ocorreria da individuação psíquica para o coletivo, pois este viabiliza a passagem da individuação dada interiormente, como psíquico, para o exterior, enquanto coletivo. Muriel Combes ressalta que "a individuação psíquica e coletiva seriam então a unidade de duas individuações recíprocas". (Tradução Nossa, 2017, p. 58).

Nesse sentido, o caminho por meio do qual a individuação psíquica e a coletiva são inseridas no âmbito dessa discussão demonstram um compromisso, conforme referido por Combes (2017), de proposição de um modelo que não precise apelar a novas substâncias, tais como alma ou sociedade. Por isso, tomar a individuação psíquica e coletiva como prolongamentos dados desde a vital aparece como um argumento, em termos dos nossos interesses, de demonstração de que indivíduos são não-granulares em toda a sua extensão. Se houvesse granularidade, a passagem que é viabilizada a partir do vital seria entre entidades, o que provaria que algo precede hierarquicamente os processos de individuação, um grão.

4.2 A SEGUNDA VERTIGEM DA GRANULARIDADE: OS OBJETOS TÉCNICOS

Nesse momento, vamos examinar como o tema dos objetos técnicos implica fenômenos que transitam entre grão e não-grão. Simondon faz uma análise ampla destes, entretanto, para os nossos fins o aspecto da evolução de tais objetos é elucidativo da tensão que buscamos compreender por meio da produção deste texto. Temos claro que o propósito de Simondon é compreender os objetos técnicos em termos de uma atividade, de uma capacidade metaestável, em contraposição ao que seria apenas estável, como unidade. Entretanto, isso esbarra diretamente nos condicionamentos exteriores a que tais entes estariam sujeitos em razão da dependência destes em relação ao humano como co-fundador da gênese que os inaugura.

Há aqui um desacordo importante, pois a incompreensão pelo humano do verdadeiro papel de indeterminação dos objetos técnicos, no sentido da possibilidade que estes possuem de produzir metaestabilidade de forma independente, gera como consequência a adoção de um viés pragmático e utilitário, tomando tais objetos como meras coisas, separados de sua condição informativa. Assim, o vínculo entre criatura e criador por um

lado, e a própria autonomia daquilo que, por que existe, é autônomo é o cerne dessa quebra, invertida em relação ao que propõe Leach (2020), mas próxima em termos do exemplo trazido para exame. Neste ponto, em termos de tomar os objetos técnicos como dotados de autonomia, teríamos Harman e Simondon de um mesmo lado, o que parece ser uma consequência da própria ontologia do social, mencionada no início.

Fundamental que trabalhemos com o conceito simondoniano de hipertelia para compreendermos a tensão aqui presente. Tal conceito é adotado com a finalidade de demonstrar como os objetos técnicos, sobretudo os modernos, estão sujeitos a uma condição menos adaptativa, exageradamente condicionados ao contexto de sua criação, os tornando menos disponíveis para o trânsito de informação, que é a base do que são os processos de individuação, mesmo entre os objetos técnicos. O filósofo diz: “a evolução dos objetos técnicos exhibe fenômenos de hipertelia que dão a cada um desses objetos técnicos uma especialização exagerada e o desadaptam de qualquer mudança, mesmo ligeira, que ocorra nas condições de uso ou fabricação.” (2020, p. 97). A hipertelia como fenômeno produziria um tipo de desvirtuamento do objeto técnico, como tensão que faz com que este se direcione a outros vetores, que não à capacidade de prolongamento enquanto indeterminação. Objetos hipertélicos são menos autônomos, pois estariam mais condicionados a apelos externos para a manutenção de sua condição operativa.

Simondon refere casos de sobreadaptação funcional, aqui utilizada para exemplificar contextos nos quais os objetos técnicos precisam promover tipos de ajustes para responder às necessidades de utilização. Nos casos em que esse tipo de adaptação mantém a autonomia do objeto técnico diz-se que se trata de uma adaptação fina. Por outro lado, quando o objeto técnico precisa ser dividido ou fracionado para a realização de uma determinada função, temos a adaptação fracionária, que exige deste um tipo de modificação para que exerça o papel desejado pelo seu operador. Teríamos, nesse caso, uma sobreadaptação, afirmativa de uma quebra na cadeia de indeterminação a partir da qual um objeto técnico produz sua individuação. Elementos externos não compõem, mas demonstram que a autonomia de tais indivíduos repousa ou se associa com um suporte que acaba por condicioná-lo ou interrompê-lo. Em outras palavras, algo que não diz respeito à própria cadeia de processos precisa interceder visando a manutenção dos processos de metaestabilidade. Há um tipo de fim no objeto técnico, genuinamente tomado, pois ele precisa ser novamente trazido aos processos por um tipo estranho, alheio ao que é a

individação como dinâmica. Isso nos faz perceber o lugar ocupado pelos objetos técnicos, que segundo Simondon:

(...) está no ponto de encontro de dois meios e deve integrar-se simultaneamente a ambos. Todavia, como esses dois meios são dois mundos que não fazem parte do mesmo sistema e nem sempre são inteiramente compatíveis, o objeto técnico é determinado, de certo modo, pela escolha humana que tenta efetuar um acordo, da melhor maneira possível, entre os dois mundos. (Idem, 100).

Aqui vê-se claramente que o meio atua como elemento significativo na estruturação de um objeto técnico, de fato definindo direções a partir das quais a indeterminação será constituída. Trata-se de uma necessidade de adaptação, posterior a demanda inicial da qual se origina, por isso a adoção do termo hipertelia, como inserção demasiada de finalidades, ou estranhas, em tais entes. Simondon busca solucionar tal dificuldade insistindo na prevalência do aspecto de indeterminação presente nos objetos técnicos ao afirmar um papel para o que ele denomina de adaptação-concretização.

O conceito é adotado pelo filósofo para indicar um tipo de movimento que não implica a simples moldagem do objeto ao ambiente em que este se insere, mas sim uma atividade que “ (...) condiciona o nascimento de um meio, em vez de ser condicionado por um meio já dado.”(Idem, p. 104). Um meio no qual a existência só pode ser tomada de modo virtual, antes que seja efetivado. A consumação desse meio é vista como um tipo de invenção, uma vez que concretiza, produz um novo ambiente, relacionado funcionalmente ao que se busca realizar com esse objeto técnico. O meio é projetado, incluído na indeterminação, a condicionando e sendo condicionado por ela, um tipo que favorece a atividade porque é também operacional.

Isso nos dirige ao tema da recorrência de causalidade, enquanto dispositivo que explica esse tipo de entrelaçamento: “ela (esta individuação) é possível pela recorrência da causalidade num meio que o ser técnico cria em torno de si e que o condiciona, assim como é condicionado por ele” (Idem, p. 105-6). A recorrência, nos nossos termos, permite que a não-granularidade se coloque diante apenas de uma mesma dinâmica que é a operativa, produzindo indeterminação. Esta parece, portanto, constituir uma saída para que no trato dos objetos técnicos um outro fundamento, para além do aspecto operativo, possa colocar-se. Busca-se evitar a ocorrência do problema da concretude mal posicionada, tal qual

denunciado por Whitehead (2010), em que o fundamento da realidade seria referido a algo que, de fato, não teria um papo efetivo nas ocorrências dadas no mundo.

Entretanto, nos parece que Simondon está constantemente tentando escapar da possibilidade de que algum tipo de “não-operação” seja o fundamento dos seus objetos técnicos, já que a causalidade é utilizada para demonstrar a existência de um tipo de imbricação que faz do objeto técnico um tipo posicionado em relação aos seus arredores. A recorrência de causalidade será assim uma operação que integra meio e objeto técnico enquanto elaborações essencialmente indeterminadas. Em outros termos, é uma forma de assegurar que as indeterminações inerentes aos processos de individuação sejam continuadas. Nesse ponto, percebe-se a conexão da recorrência de causalidade simondoniana com a causalidade indireta, vicarious causation, harmaniana, questionada por Leach, já que se tratam de estratégias que buscam garantir o não rompimento do arcabouço que constitui cada uma dessas ontologias, o que denominamos de granular e não-granular.

Entretanto, é inegável que granularidade e não-granularidade colocam-se diante de vertigens que demonstram certos limites em termos do que pode ser alcançado por meio dessas concepções. Não pretendo com este estudo enveredar por um tipo de postura cética, simplesmente demonstrando que para uma verdade qualquer será sempre possível estabelecer um contra-argumento. Tendo, por outro lado, a tentar imaginar que razões podemos anotar para estar do lado do granular e do não-granular. Em outras palavras, buscar argumentos para demonstrar que podemos estar com Harman ou com Simondon sem que isso seja tomado como simples escolha estética ou pessoal. Trata-se de analisar a forma como lidamos com o que aparentemente se coloca como um limite atrelado à essas duas concepções. Um limite, que se registre, é como uma zona de fronteira, um espaço em que se embaralham os rastros dessas duas concepções, aparentemente em conflito. Este exame não poderá desconsiderar o ponto de partida para as questões apresentadas na tese, que dizem respeito à fertilidade que o tema da individuação pode adquirir a partir do momento em que assumimos traços daquilo que define uma monadologia, como é o caso da quebra da substancialidade, negativa de hierarquias ontológicas, entre outros (2018).

Tentando avançar no argumento, teremos que demonstrar porque de fatos essas duas ontologias são igualmente importantes na imagem da borboleta, como asas que precisam igualmente serem sustentadas, sem ao mesmo tempo gerar equívocos supondo que são uma coisa só ou posições equivalentes. Elas não o são, mas o mapa que as coloca em

um mesmo plano, de ontologias horizontais e sociais, de objetos e de processos de individuação, não niveladas, nos faz intuir que precisamos examinar o tema a partir de um ponto em comum, pensar como a fronteira é em entre duas posições que estão em um mesmo horizonte, em suma: refletir sobre a viabilidade de tomar as vertigens da granularidade como uma questão sobre graus. É o que tentaremos trazer na sequencia, e isso nos levará à conclusão do texto e o que se apresenta como conclusão da tese.

5. GRÃOS SÃO GRAUS

Sendo a proposta defendida levada até as últimas consequências, entenderemos que o problema relativo à oposição entre grãos e não-grãos, se resolve por um apelo à graus, já que é aberto espaço para um tipo de horizontalidade entre pontos distintos do campo social. Graus promovem uma ponte entre grãos e não-grãos pelo fato de fazer ver que tais conceitos apenas são alusivos a pontos de partidas distintos de um mesmo plano. Nesse aspecto, a fronteira, como será discutido a seguir, seria apenas uma estratégia para mostrar aquilo que decorre da superação da diferença entre absolutos.

5.1 TRISTÁN GARCIA - ENTRE OBJETOS E PROCESSOS – A PLANIFICAÇÃO

A escolha de Tristán Garcia, filósofo e escritor Francês contemporâneo, para esse momento de diálogo de apresentação de conclusões, ocorre tendo em conta uma justificativa bastante clara: a proposta do filósofo francês de horizontalizar a forma de tomar a ontologia. Além disso, sua proximidade da Ontologia Orientada a Objetos permite que o diagnóstico apresentado sobre as dificuldades da OOO seja estendido para uma análise mais ampla, com escopo naquilo que denominamos aqui de granularidade e de suas vertigens possíveis. O filósofo francês busca demonstrar como a OOO pode elaborar-se em termos de planitude, permitindo tomar a condição granular como um modo de ser no mundo, ao mesmo tempo que demonstra a conexão de tal perspectiva com uma outra que a complementa e a explica, formal e objetivo.

Em nossos termos, ocorre com Garcia a abertura para a propositura de uma experiência estereoscópica, demonstrando que não há efetivamente o grão como dado separado, sendo esta como uma visão parcial, que precisa ser complementada para que aquilo

que é percebido receba uma significação efetiva⁶. Por essa razão, a individuação diz respeito a um lugar, o plano, pois é nele que se dá uma possibilidade de encontro, de interseção entre modos de existências distintos ao mesmo tempo que auto implicados. A estereoscopia seria, por essa razão, a busca de defesa de um critério de individuação como complementação dada a partir de dois polos indispensáveis.

Assim, haveria a possibilidade de afirmação de modos de ser, essências, relações, processos, etc, pela presença de um tipo de conexão com um polo paralelo que permita a elaboração de um tipo de retirada, de um colocar-se fora dessa existência marcada, dado por um tipo de classificação. Para o filósofo: “vivemos uma epidemia das coisas” (Tradução Nossa, 2014, p. 1) o que tem implicado em uma dessubstancialização das essências. Considerando a necessidade de lidar com tal contexto, ele propõe “(...) a construção de um novo modelo de divisão das coisas ao nosso redor, das coisas em nós e de nós entre as coisas” (Idem, p. 2). A ideia, assim, de sua investigação seria apresentar “um pensamento sobre as coisas, ao invés de um pensamento sobre o nosso pensamento a respeito das coisas” (Idem, p. 2). Descartando ontologias que explicam o real pelo referencial humano, Garcia busca maneiras de descrever a ontologia como um exercício de auto implicação sobre como as coisas são no mundo e como o mundo é para tais coisas.

Garcia se propõe a conceber uma combinação não redutiva entre a ontologia formal da igualdade com uma ontologia objetiva de desigualdade. Como dito:

Se este tratado apresenta uma ontologia de um mundo plano, seu único objetivo é então propor uma enciclopédia e topografia do universo e dos objetos, dos problemas práticos de divisão e da valorização do cosmológico, biológico, antropológico, cultural, artístico, social, domínios históricos, econômicos e políticos. Longe de concluir com uma descrição de um mundo formal onde as diferenças entre as coisas foram reduzidas a zero, este livro visa montar uma descrição de um mundo plano de coisas que pode corresponder à reconstrução antagônica - entre universalismo e relativismo - das magnitudes, valores, profundidades, variações e interesses dos objetos presentes, acumulados incessantemente e contestados por várias abordagens metodológicas. (Idem, p. 6)

⁶ “A base para a percepção estereoscópica é a disparidade binocular do sistema visual humano, que gera duas imagens ligeiramente diferentes quando uma cena é projetada nas retinas dos olhos. As duas perspectivas diferentes das imagens são fundidas no córtex visual do cérebro, de forma a compor uma simples visão estereoscópica (tridimensional).” (In: C. Kirner e R. Tori, 2004)

Trata-se, com esse modelo, de questionar duas formas de conceber o exercício filosófico, os quais mostram-se especialmente controversos no modo de lidar com as coisas, sendo estas uma ontologia substancial e uma vetorial. O filósofo percebe nesses dois exercícios tendências que dificultam a possibilidade de um pensar da coisa, pois comprometidos com a absolutização do que definimos como grãos e não grãos:

A substancialidade tende a compactar o ser no estágio final de seu processo, sobredeterminando as coisas auto saturadas ou em si mesmas. A pura eventualidade, o caráter de evento, dos vetores do ser tende a dissolver e disseminar o ser, transformando as coisas em efeitos, ilusões ou realidades secundárias. Nosso conceito de coisa não se ajusta nem ao primeiro nem ao segundo modelo. A primeira produz uma coisa que é demasiada coisa, que é "compacta", enquanto a segunda gera uma coisa que não é suficiente, que é apenas uma construção ou projeção efêmera. (Idem, p. 11)

Em outras palavras, há algo em comum que esses dois modelos ontológicos não conseguem captar e que os coloca em total fechamento quanto ao que lhes seja oposto ou distinto. O aspecto gráfico do argumento de Garcia é bastante ilustrativo, pois mostra como o jogo de setas que aponta para o centro em um caso e o outro que aponta para fora, indicam as tensões que o direcionam para um tipo de diferença. Nesse sentido, vale destacar o seu diagnóstico do problema como resultado de um cálculo marcado “entre aquilo que está nesta coisa e aquilo em que a coisa está.” (Idem, p. 11). Segundo o filósofo:

Nosso objetivo é o seguinte: conceber um modelo que não seja muito forte nem muito fraco, e representar as coisas que realmente estão no mundo sem serem em si mesmas.(...)

A única solução consiste em construir a seguinte trajetória: o ser entra em um laço em que o ser não se projeta em si, mas é lançado fora de si. Em nosso modelo, uma seta aponta para dentro de um círculo - uma coisa - e, a partir desse círculo, uma segunda seta aponta para fora. O ser entra em uma coisa e o ser sai dela. Uma coisa nada mais é do que a diferença entre estar dentro [l'être entré] e estar fora [l'être sorti]. (Idem, p. 11).

Como consequência, existir para uma coisa implica sempre em estar no seu oposto, fora dela mesma, como dado finito e definido. Isso não é muito diferente do que notamos quanto à presença de aspectos de não-granularidade contidos na filosofia granular

de Harman e vestígios granulares no que tange a não-granularidade dos processos de individuação simondonianos. Tal conclusão é trazida pelo argumento do saco ou bolsa, explicativo da conexão entre coisidade e objetividade:

Uma coisa é quase como um saco. Há o que se coloca no saco e o que fica fora dele. A questão é: presumindo que se pode encher um saco com qualquer coisa, pode-se colocar o saco em si mesmo? Se eu pegar a parte de fora do fundo da sacola, tentando desesperadamente colocá-la no compartimento superior, meu exercício atingirá mais ou menos rapidamente seu limite. Na melhor das hipóteses, conseguirei virar o saco do avesso, de modo que o que era seu interior se torne seu exterior, e vice-versa. Nesse caso, inverti o conteúdo e o contêiner sem torná-los um e o mesmo com sucesso.

Portanto, uma coisa não é exatamente como um saco, pois uma coisa não é uma pele ou camada fina. Em vez disso, uma coisa é equivalente a uma bolsa imaterial sem camadas. Uma coisa nada mais é do que a diferença entre aquilo que é esta coisa e aquilo que esta coisa é - entre conteúdo e recipiente. (Idem, p. 61, tradução nossa)

5.2 WHITEHEAD: ENTRE MEDIDA E MEDIÇÃO – UM CRITÉRIO DE IMPORTÂNCIA

Garcia lança elementos que nos permitem conceber a ontologia como uma dinâmica estabelecida em termos de um plano e sobre como este pode ser mobilizado a partir de um tipo de fronteira, o saco, dando sentido a um tipo de conexão não excludente entre o granular e não-granular. Temos assim um primeiro insight elucidativo para resolver a vertigem elaborada em termos do granular e do não-granular. Entretanto, permanecemos patinando no vazio sem fricção ao notarmos que não há efetivamente um critério decisivo sobre o significado de ocupar uma posição. Podemos estar em lugar do plano garciniano, mas permanece a questão sobre a razão que nos faz estar em um lugar ao invés de em um outro. Whitehead nos oferece a experiência como ambiente a partir do qual essa análise pode ser realizada, para que a partir dela sejam marcados os pontos ou posições ocupadas por cada coisa, dadas por um critério denominado de Importância.

A granularidade e a não-granularidade, tomadas como posições radicais e incompatíveis, seriam geradas a partir de um certo equívoco de supor que o contato com o real se dá diretamente com relação aquilo que são os fatos. Entretanto, é necessário ver que

tais fatos são aportados em um critério de importância procedente da experiência. Diz Whitehead: "Aqueles que deliberadamente limitam sua atenção aos fatos o fazem por causa do senso de importância que atribuem a essa atitude." (Tradução Nossa, 1944, p. 14).

Assim, só há fatos a partir da experiência, que é contatada por um critério de importância subentendido. O pressuposto aqui implicado está na ideia de que a experiência não pode ser articulada em separado do modo como a acessamos. Não há simples fatos orbitando sobre a realidade passíveis de serem capturados por um sujeito puro. Em realidade, há um tipo de conexão dada como coordenação ao ambiente que permite que tomemos algo como um fato. Por isso, as concepções de mundo, os sistemas de realidade, não podem ser tidos como indiferentes a tudo mais. O filósofo considera que nenhum sistema pode conferir as razões de sua elaboração por si, sendo necessário dar um passo atrás e investigar o critério de importância, obtido a partir de uma certa abordagem factual da experiência. O problema, assim, não está concentrado em um pensar sistemático, mas na adoção do fechamento como estratégia.

O que pode ajudar no oferecimento de tal caminho é a conclusão de que a importância inclui a referência ao mais e ao menos e por essa razão, é alusiva a um sentido de multiplicidade. Esse argumento é defendido através de uma conexão entre fato e existência. Diferentes tipos de fatos teriam de ser compatíveis com múltiplas formas de existências. Se fatos são dados a partir de um critério de importância, então seria possível admitir que a importância é gradativa e múltipla, não existindo importância no vácuo. Por isso a importância demanda um tipo de "seleção" uma determinação, conforme Whitehead, de que "isso é melhor do que aquilo" (1944). Assim, a liberdade intelectual surge da seleção e a seleção requer, para adquirir um significado, a noção de importância relativa. Desse modo, "importância", "seleção" e "liberdade intelectual" estariam intimamente ligadas e, juntas, envolveriam alguma referência aos fatos.

Se vige a seleção, então temos mais um argumento para afirmar que as ontologias de Harman e Simondon não são posições isoladas, como oásis no deserto, mas sim possibilidades equivalentes. Qualquer fato, por isso, seria originado em uma perspectiva decorrente da atribuição de um grau de importância, a criação de um tipo de referencial, um sentimento nos termos do filósofo. Dito de um outro modo, a importância agiria a partir da percepção de sentimentos que, como radares, permitem o estabelecimento de um ponto de vista. Não há perspectivas, por si mesmas, independentes do modo como a experiência é

percebida enquanto sentimento. O fato percebido é, assim, o encontro de uma posição, uma definição diante de uma situação de aturdimento, como um holofote que consegue estabelecer um foco, se dar conta de um sentimento em um ambiente de não distinções e, à primeira vista, de indiferenças.

Nesse sentido, a importância é como o rastreamento de algo que faz diferença. Há um aspecto de interesse na importância que não se faz como apelo pragmático individual, mas sim como "unidade do universo" (Idem, p. 19), segundo Whitehead. A lógica do argumento está em considerar que um intelecto finito não precisa implicar uma realidade também de caráter finito. O papel da importância está justamente em demonstrar o mecanismo a partir do qual o infinito pode ser continuamente formatado na finitude, uma fonte que nunca se esgota, mas que permite sempre ser acessada, provada. Por tal razão, estar em uma perspectiva, em um foco de importância, não configura uma simples exclusão daquilo que não está em evidência, mas sempre uma possibilidade de retomada, já que se trata de extrair o sentido máximo da importância.

5.3 POINCARÉ E RUSSELL: ENTRE MEDIDA OU MEDIÇÃO.

Considerando o conceito de importância whiteheadiano apresentado acima, aliado às considerações de Garcia, é possível considerar que a dificuldade atinente às vertigens da granularidade sejam uma pergunta sobre o critério de medida. Obviamente toda medida pressupõe um critério de medição, já que uma fita métrica comum é um instrumento muito mais adequado para medir as dimensões de um livro, por exemplo, não sendo adequado, entretanto, para objetos maiores como as dimensões de um lago. Trata-se da questão do dimensionamento e sua relação com um sentido de congruência. Em um mesmo plano ontológico, podemos ter diferentes demandas de dimensionamentos que demandarão um lidar específico com p que isso toma como medida, entretanto, necessário será que a congruência entre estas posições seja garantida.

Whitehead é claro ao considerar que o dimensionamento ele mesmo é em muitos casos insuficiente para prover congruência e, mais ainda, auto congruência a algo. Um fio de elástico, conforme exemplo apresentado, por ser maleável, se usado para verificar o dimensionamento de um determinado segmento e, depois, seu resultado comparado com um outro, provável é que não venhamos a obter um resultado confiável, o que implica a possibilidade de incoerências no que é a medição enquanto ação. Um outro problema, esse

no que concerne à medida, decorre do fato, segundo o filósofo, de que as modernas formulações dos axiomas geométricos, uma teoria completa de pontos, retas, planos e da ordem de pontos nos planos, as condições, ou conjunto de axiomas, que determinam a congruência entre segmentos, não são exclusivas, pois, segundo ele, “foi provada, então, a existência de relações alternativas que satisfazem tais condições de modo igualmente satisfatório e que nada há de intrínseco na teoria do espaço que nos leve a adotar qualquer uma dessas relações de preferência a qualquer outra, como a relação de congruência por nós adotada.” (Idem, p. 144-5).

Assim, o critério de medida mostra-se variável de acordo com o sistema adotado, não havendo um critério específico para definir o que é mais ou menos legítimo. A questão aqui está em avaliar se há algum referencial na natureza capaz de prover uma decisão por um ou outro desses sistemas. Caso a resposta seja positiva haverá naquilo que é medido um elemento que afeta e dirige a medição. Se entendermos que não, será a medição que ditará o referencial daquilo que é medido: “Poincaré, o grande matemático francês, sustentava que nossa escolha final entre essas geometrias é guiada puramente pela convenção e que o efeito de uma mudança de escolha seria apenas alterar nosso modo de expressar as leis físicas da natureza.” (Idem, p. 145).

Por outro lado, o filósofo e matemático, Bertrand Russell, acreditava que, se adotada a visão de Poincaré, “nada haveria na natureza que determinasse se a terra é maior ou menor que uma bola de bilhar qualquer.” (Idem, p. 145). O que se presume a partir dessa resposta é que Russell acredita haver na natureza um critério de decisão capaz de estabelecer as condições de congruência e, assim, as razões de escolha de um determinado sistema em detrimento de outros. Neste caso, a medida, ou aquilo que é medido, é sim critério para estabelecer como a medição deve ser realizada. No caso de Poincaré, é a medição que discrimina a medida, de modo que a escolha por um sistema determinará a forma como o que é medido será tomado.

5.4 WHITEHEAD: DURAÇÃO E LOCUS STANDI

A solução whiteheadiana para a dificuldade discutida se dá pela consideração de que ambos estão corretos, se tomarmos os seus pressupostos ou posições como fundamento. Poincaré está certo em considerar que qualquer medição deve levar em conta o sistema de medidas considerado. Russell também está correto em afirmar que a apreensão

sensível é indispensável para estabelecer qualquer sistema de medição, sendo ela o referencial para que não haja dúvidas sobre a diferença de tamanho entre a Terra e uma bola de bilhar. Entretanto, os dois matemáticos não teriam sido capazes de situar, de estabelecer o “aqui” e o “agora” de suas metodologias de medição. Whitehead, detalhando o argumento, avalia que a superação dessa aporia e a apresentação de uma descrição efetiva do dimensionamento do espaço e do tempo pode vir a lograr êxito, caso se supere a concepção tradicional sobre a natureza, sobretudo o materialismo, em favor de uma teoria que toma espaço e tempo como interligados, tal qual proposto por ele por meio de sua ontologia de eventos: “e esse fator peculiar do tempo, tão imediatamente distinguível entre as revelações da nossa apreensão sensível, relaciona-se a uma relação de congruência particular no espaço.”(Idem, p. 148).

Para ele, a palavra chave para resolver o problema da congruência é reconhecimento. “Na percepção, nós reconhecemos” (Idem, p. 148). Isso é diferente do estabelecimento de uma comparação entre natureza e memória, como parecem ser os caminhos adotados por Poincaré e Russell. O reconhecimento se estabelece no âmbito da presença. Isso ocorre porque o “o fato presente é uma duração com suas durações antecedentes e consequentes, que são partes de si própria.” (Idem, p. 148). Pelo reconhecimento a apreensão sensível coloca diante de si fatos da natureza e por isso, é capaz de discriminar os eventos passageiros e o aspecto permanente presente no real. Essa explicação esclarece em que termos Poincaré e Russell estariam corretos: saberiam que a medição, assim como a medida, são um fato, desde que tomados pelo referencial da presença.

Vê-se que o reconhecimento apresenta uma resposta que busca trazer à tona o contexto mesmo em que se dão a granularidade e a não-granularidade. Seria como o estabelecimento de um ambiente a partir do qual uma posição consegue perceber a si mesma. O reconhecimento permite que a ontologia seja colocada como que em um plano de possibilidades em que certas coisas ganham destaque enquanto outras aparecem secundariamente como que em um fundo.

O que pode ser notado é que sem o abandono do que o filósofo inglês denomina de bifurcação da natureza, que separa os fundamentos dos fenômenos naturais, baseado em dados microfísicos tais como elétrons e moléculas, do que é testemunhado pela experiência de um ponto de vista macro, não há como solucionar o problema da conexão entre medida e medição. O problema em si não está na suposição desses dois âmbitos, mas sim na

consideração da mente enquanto mediadora dessa polarização, realizada a partir de um encadeamento causal que seria efetuado tomando o nível micro como input dado ao pensamento, o que Whitehead denomina de influência, para aquilo que na percepção seria como um output, efluência.

Ao bifurcar a natureza, de acordo com essa lógica, o pensamento se veria isolado da realidade, pois sobre aquilo que pode conjecturar não há acesso e quanto ao dado natural perceptível seria mero receptor. Segundo Whitehead:

A teoria da bifurcação é uma tentativa de apresentar a ciência natural como uma investigação quanto à causa do fato do conhecimento, vale dizer, tenta apresentar a natureza aparente como uma efluência da mente devida à natureza causal. Toda essa noção baseia-se parcialmente na admissão implícita de que a mente só pode conhecer aquilo que ela mesma produziu e de alguma forma conserva dentro de si, embora exista uma razão extrínseca tanto para originar como para determinar o caráter de sua atividade. (Idem, p. 39-40).

Se o problema da bifurcação é diretamente referente ao papel que o pensamento tem na natureza, isso implica em reexaminar como a percepção, que é meio entre esses dois extremos, pode de fato mediar sem com isso produzir uma polarização que isole pensamento e natureza. Whitehead demonstrará que a causalidade não pode fornecer razão nenhuma para que o nosso pensamento seja idêntico ao mundo natural. Entre os níveis micro e macro não deve haver separação, mas sim uma relação de continuidade, sendo esse o papel da apreensão sensível. O real se constitui por uma mediação de estruturas que, apesar de operarem em níveis distintos, possuem um aspecto de interioridade.

Para Whitehead, o conceito de natureza entendido como “um único fato complexo para o conhecimento;” (Idem, p. 56) seria o ideal a ser buscado por qualquer projeto de filosofia natural, nisso estando implicado: “expor as entidades fundamentais e as relações fundamentais entre entidades em cujos termos todas as leis da natureza devem ser estabelecidas, e afiançar que as entidades e relações assim expostas são adequadas à expressão de todas as relações entre entidades que têm lugar na natureza.” (Idem, p. 56). Desse modo, o conceito de natureza visa a superar a tomada desta como dado bruto, um existente à parte, razão de todos os acontecimentos do real.

Compreender o mundo, por isso, não se resume a um simples exercício de achar a coisa, mas sim em lidar com o modo como estas existem relacionalmente no arcabouço da

percepção sensível. Segundo ele: “A fim de descobrir evidências das propriedades a serem encontradas no múltiplo de partículas de eventos, devemos sempre recorrer à observação da relação entre eventos.” (Idem, p. 128). E isso implica em considerar o que esse filósofo denomina de duração e do locus standi:

Quando analisamos os fatores da natureza tais como imediatamente revelados na apreensão sensível, devemos observar o caráter fundamental do objeto da percepção do “estar aqui”. Discernimos um evento meramente como fator de um complexo determinado no qual cada fator tem sua participação própria e característica.

Dois fatores há que são ingredientes constantes desse complexo: o primeiro é a duração, representada no pensamento pelo conceito de toda a natureza que se faz presente agora, e o segundo, o locus standi peculiar da mente envolvida na apreensão sensível. Esse locus standi da natureza é aquilo que, no pensamento é representado pelo conceito de “aqui”, isto é, de um “evento aqui”. (Idem, p. 128)

O locus standi demonstraria, assim, que não há duas possibilidades de estabelecer a raiz de um evento, a mente e a natureza, mas sim apenas um caminho que situa essa ocorrência a partir de um aqui e um agora. Não se trata, assim, de buscar o mundo substantivamente, mas de mostrar que ele é carregado por um apelo adverbial, já que ao invés de centralizar a questão na coisa, no dado externo e separado, trata-se de uma atividade demonstrativa, em que quem aponta e aquilo que é apontado compõem uma unidade indiscernível, relacionalidade como evento e, mais propriamente, locus standi.

Não há eventos aos quais possam ser extraídos aspectos que digam respeito a uma objetividade da natureza em oposição aos acréscimos simplesmente dados pela mente, a raiz está naquilo que o filósofo denomina como um acontecimento. É ele que proporciona a análise do evento pela capacidade relacional que engendra. Aqui as relações não são entre termos, como meio ou elo, mas sim aquilo que se faz apenas enquanto fins nelas mesmas. O locus standi é a própria relacionalidade presente e que supera também a oposição elaborada pela polarização entre objetivo e subjetivo. Não há subjetividade, uma vez que a objetividade é encontrada no modo da presença, no “aqui” do evento que se coloca.

Desse modo, a aporia elaborada entre granularidade e não-granularidade deve ser analisada a partir de um mapa que, estereoscopicamente tomado, que coloca essas

posições em relação. Diríamos que isso é possível pois é a lógica dos eventos que vige tanto naquilo que definimos como granular como no seu oposto, já que ambas as posições rejeitam a falácia da bifurcação da natureza. Isso nos dirige para a solução proposta na tese, como já dito, denominado de individuação situada.

5.5 AS CONTRIBUIÇÕES DO PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO

No texto da tese foi incluída uma seção que trata das influências do perspectivismo ameríndio, apresentado pelo antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro (2002), na solução proposta. Tomo o perspectivismo como uma inspiração importante, que juntamente com aquilo que diz Whitehead sobre uma ontologia de eventos e locus standi, ajuda a delinear a solução para a questão proposta. Gostaria de citar ao menos um aspecto dessa abordagem, acerca do significado da perspectiva como chave de percepção da realidade, justamente visando demonstrar como as vertigens da granularidade representam um tipo de problema decorrente da ausência de fricção, da necessidade que posicionemos tais atos. No perspectivismo vige o que se denomina de princípio de alteridade, em que a própria ideia de humanidade diz respeito ao modo como se constitui uma perspectiva:

Tipicamente, os humanos, em condições normais, vêem os humanos como humanos e os animais como animais; quanto aos espíritos, ver estes seres usualmente invisíveis é um signo seguro de que as 'condições' não são normais. Os animais predadores e os espíritos de presa, entretanto, veem os humanos como animais de presa, ao passo que os animais de presa vêem os humanos como espíritos ou como animais predadores. (2002, p. 350).

Nesse caso, a perspectiva é ela mesma o evento a partir do qual a duração e o locus standi são colocados. Nada está de fora do campo perceptivo, pois o perspectivismo antecipa uma lição importante explicitamente colocada por Whitehead, não há diferenças culturais, a natureza é ela mesma compartilhada por tudo que existe, o multinaturalismo cria a fricção comum entre tudo, assim como o faz a denuncia e rejeição da bifurcação da natureza. A aporia sobre o critério de medida seria visto por essas comunidades tradicionais como uma questão sobre a perspectiva adotada no contexto: uma descrição relacional que

toma espaço e tempo como acontecimentos e que permite estabelecer o que denominamos de situação.

5.6 UMA PROPOSTA DE INDIVIDUAÇÃO SITUADA

Inicialmente, pode-se questionar os motivos que fazem com que não sejam simplesmente indicados: Garcia, Whitehead e o Perspectivismo Ameríndio como solução para o problema do estudo realizado na tese. Pensando a respeito, diria que é o somatório de insights presentes nessas concepções que, conjuntamente, formam a ideia por mim defendida, mais que isso, a novidade se coloca como um tipo de articulação que bebe dessas fontes, mas que não busca ser idêntica a nenhuma delas. Denominei essa proposta de individuação situada. Tentando explicar mais detalhadamente o porque dessa escolha, temos que a questão em análise é sobre concepções que antagonizam modelos de individuação. Em outras palavras, são visões que defendem que toda resposta ao modo como o real está articulado é um apelo ao que são objetos ou processos de individuação. Nosso ponto é que problema não está em defender tais modelos, podemos sim falar em objetos e processos de individuação, não é necessário abrir mão do horizonte ontológico que se abre a partir da superação da bifurcação da natureza, mas sim em esquecer que a individuação precisa ser situada, localizada, pois é a partir de uma situação que aquilo que é distinto pode ser contemplado. Harman e Simondon não se mostram como posições satisfatórias pelo fato de não conseguirem lidar com o que está além, que se apresenta, se coloca e não pode apenas ser simplesmente reduzido ao que é comum.

Todos os problemas verificados em um certo sentido de exacerbação do grão e do não-grão decorrem da cegueira quanto à necessidade de que a individuação seja situada. Respondendo ao questionamento formulado inicialmente, poderíamos considerar que é possível não estar com Leibniz, ao mesmo tempo que assumimos suas principais contribuições, caso possamos localizar, em termos espaço temporais, enquanto eventos ou acontecimentos, a dinâmica individual defendida tanto por Harman como por Simondon.

Denominaremos nossa solução de individuação situada, que será discutida tendo em conta dois pressupostos importantes: o primeiro destes afirma que a pergunta pelos indivíduos oportuniza a percepção do real por uma dinâmica estereoscópica, isto é, a necessidade de que um ponto seja compreendido em referência ao traçado que projeta, em um plano de possibilidades. A estereoscopia é inspirada na concepção garciana, que toma o

indivíduo a partir de sua inserção em um arcabouço elaborado entre dois âmbitos distintos, opostos e indispensáveis.

O segundo, consiste em afirmar que a individuação somente pode ser articulada a partir de uma ontologia de eventos, que inclua duração e locus standi. Nosso propósito está em fazer ver que o pensamento situado é operado em termos do referencial instaurado pelo lugar. Ciente da posição como localizada e, assim, passível de ser estabelecida estereoscopicamente, busca-se solucionar uma aparente oposição sobre a individuação, pensada a partir de uma ontologia de objetos e uma de processos de individuação. Nesse sentido, qualquer referência ontológica deve ser tomada a partir de uma posição estabelecida em um plano estereoscópico.

Nosso esforço coloca-se no sentido de estabelecer um marcador a partir do qual indivíduos e processos de individuação possam ser situados. Trata-se de demonstrar como a relacionalidade do que compõe o plano permite aportar aquilo que localmente se afirma granular e não-granularmente. A individuação situada não assimila tudo, nem opta por um tipo de relatividade fomentando modos de existência, mas insiste que qualquer afirmação sobre o mundo precisa ser feita a partir de um ponto que se faz pela perspectiva ou angulação que permite estabelecer um contexto em referência a algo que se coloca como horizonte. Em outras palavras, granularidade e não-granularidade apenas podem ser sustentadas, elas mesmas, por uma prevalência adverbial de situação, como locus standi.

O que está sendo pressuposto aqui como atrelada à individuação situada é a formulação de uma capacidade de seguimento, semelhante ao que os aplicativos de GPS fazem quando se busca a localização em um determinado lugar incluído no mapa de uma cidade, sendo possível verificar distâncias com relação aos demais endereços e estabelecer rotas de acesso. Entre uma infinidade de marcas possíveis, o critério de escolha define-se, como já referido, por um sentido de importância que direciona o local que será tomado como destino. Ressalte-se que marcar um ponto é como indexar⁷, isto é, proceder um ajuste que é realizado sempre a partir de suposição de algum tipo de circunstância.

Atrelando os dois pressupostos whitehedianos, de negação da bifurcação da natureza e afirmação do locus standi, podemos supor que o mundo como grão e não-grão é

⁷ Tomo o Indexicalismo, tal qual apresentado por Bensusan em *Indexicalism* (2021) como uma inspiração de grande relevância para a solução dos problemas propostos por meio desta tese, embora nossa solução não seja, ela mesma, estritamente indexical.

sempre um tipo de mediação – através de uma medição – que conserva a condição específica de cada polo, tomado como realidade situada, um contexto, ao mesmo tempo que demanda o seu oposto como complemento ou horizonte. A individuação situada é por isso um tipo de consciência de que mediações não precisam ser dadas como superação em uma dinâmica dialética, pois esse caminho não faz jus aos pontos que ensejaram a problemática, mas sim que nenhuma individuação pode ser elaborada fora de uma situação.

Uma situação não desnuda a coisa por completo, retirando-a do velamento e determinando-a, apenas mostra como o seu seguimento, enquanto realidade situada, é aquilo de mais inteligível que pode ser dito sobre ela. Não se pretende, com isso, perder a coisa, seja ela um grão ou não-grão, mas sim mostrar como ela demanda um lugar. Em outras palavras, não buscamos propor uma mediação entre as concepções de Harman e Simondon, mas sim afirmar que elas fazem sentido se tomadas por um critério de medida. Nesse sentido, concluo dizendo que o problema aqui discutido era uma questão sobre como medida e medição podem ser inteligivelmente incluídas e isso somente pode ser feito se com Leibniz tivermos um tipo de acontecimento que possa ser rastreado amplamente, mesmo a agência tendo sido colocada em diáspora, e isso é possível caso a experiência, enquanto baliza de importância, trate-se de um objeto ou processo de individuação, seja tomada como se dando a partir de uma lugar, uma situação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARISTÓTELES. *Metafísica*. (MET). 2ª Edição. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Organon: Categorias e Periérmeneia*. Primeiro Volume. Lisboa: Guimarães Editores, 1985.

BARNES, Jonathan. *Metafísica*. in: *Aristóteles*. BARNES, Jonathan (Org). Aparecida/SP: Ideias e Letras Editora. p. 103-153, 2009.

BENSUSAN, H; ALVES DE FREITAS, J.. *A Diáspora da Agência*. Salvador: EdUFBA, 2018.

BENSUSAN, H. *Indexicalism: realism and the metaphysics of paradox*. Edinburgh/UK: Edinburgh University Press, 2021.

- _____. *O Realismo Especulativo e a Metafísica dos Outros*. Rio de Janeiro: Revista Dossiê- UFRJ, V. 21, nº 2, 2018.
- BRASSIER, R. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. London: Palgrave Macmillan, 2007.
- _____. Post: Harman e Garcia in: <http://anarchai.blogspot.com> 2019.
- COMBES, M. *Simondon: una filosofia de lo transindividual*. Buenos Aires: Cactus, 2017.
- DELEUZE, Gilles. *A Dobra: Leibniz e o Barroco*. 6ª Edição. Campinas: Papyrus, 2011.
- _____. O indivíduo e sua gênese físico-biológica. In: *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.117-121.
- GARCIA, T. *Form and Object: A Treatise on Things*. Edinburgh/UK: Edinburgh University Press, 2014
- GRANT, I. *Philosophies of Nature after Schelling*. London/UK: Continuum, 2006.
- HARMAN, G. *Immaterialism*, Cambridge/UK: Polite Press, 2016.
- _____. *Object Oriented Ontology: a new theory of everything*. UK: Penguin Book, 2017.
- _____. *Speculative Realism: An Introduction*. Cambridge: Polity Press, 2018.
- _____. *The Quadruple Object*. Londres: Zero Books, 2011.
- HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HUSSERL, E. *Meditações cartesianas*. Tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.
- KIRNER, C & TORI, R (eds.). *Realidade Virtual: Conceitos e Tendências - Livro do Pré-Simpósio SVR 2004*, Cap. 11, p. 179-201. Mania de Livro, São Paulo, 2004.
- LATOUR, B. *The pasteurization of France*. Massachusetts: Harvard University Press, 1988.
- LEACH, T. *Machine Sensation: Anthropomorphism and 'Natural' Interaction with Nonhumans*, London/UK: Open Humanities Press, 2020
- LEIBNIZ, G. W. *Correspondência con Arnauld*. Buenos Aires: Losada, 2004.
- _____. *Discurso de Metafísica e outros textos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Ensaio de Teodicéia sobre a bondade de Deus, Liberdade do homem e a origem do mal*. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

_____. *Obras filosóficas y científicas 2 – Metafísica, tradução de María Jesús Soto-Bruna*. Gonzáles, A. L. (ed.), Granada: Comares, 2010.

_____. *Monadologia in: Discurso de Metafísica e Outros Textos, Tradução de Alexandre da Cruz Bonilha*, São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MEILLASSOUX, Q. *After finitude: an essay on the necessity of contingency*. London/UK: Continuum, 2010.

SIMONDON, G; *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. São Paulo: Editora 34, 2020.

_____; *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

TARDE, Gabriel. *Monadologia e Sociologia*. Petrópolis: Vozes Editora, 2003.

TSING, A. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, *Perspectivismo e Multinaturalismo na América Indígena in: A inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: 2002.

WHITEHEAD, A. *Processo e Realidade – Ensaio de Cosmologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

_____. *O Conceito de Natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. *Modos de pensamento*. Buenos Aires/AR: Losada, 1944.